

Exposição convida visitantes a pensar sobre as novas formas de racismo e colonialismo

Tipo Meio: Internet Data Publicação: 05/02/2022
Meio: Correio do Minho Online Autores: Miguel Viana

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2b9679e8>

Levar as pessoas, essencialmente os jovens, a pensar sobre as novas formas de racismo e de colonialismo é o objectivo principal da exposição 'Império do Medo - Escravatura e Tráfico Negroiro, que está patente ao público na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva.

A exposição assinala os 150 anos da abolição da escravatura em Portugal e nas colónias portuguesas. A mostra é composta por vários painéis com referências cronológicas e à única coleira de escravo existente em Portugal, que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia.

"É um momento de choque e de perturbação para levarmos todos a pensar em questões como qual é a tua raça? O que é o trabalho forçado? Quais são as novas servidões? Qual é a diferença entre os refugiados de hoje e os escravos? Não será uma outra forma de escravatura? O grande objectivo é ser um ponto de partida para a reflexão", disse Ana Maria Calçada, curadora e uma das comissárias da exposição.

A exposição, organizada pela Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, em colaboração com a Biblioteca Municipal de Barcelos e a Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela, de Vila Verde, incluiu no programa uma mesa redonda sobre 'Racismo e Colonialismo' que teve como convidados a activista Isabel do Carmo e o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, José Pedro Monteiro.

Numa conversa interactiva com alunos de várias escolas e formandas da Casa do Professor, Isabel do Carmo questionou sobre a existência de raças humanas.

"Não há raças. Nós somos todos provenientes do mesmo sítio (África) e depois espalhou-se. É um ser vivo que gosta de andar e espalhou-se pelo mundo todo. O racismo existe, o que não existe são as raças", defendeu Isabel do Carmo.

A activista destacou que a escravatura "industrializou-se" a partir do século XVI, e que o conceito de racismo ainda permanece. "Quando parecia estar em vias de desaparecimento, pelo menos na Europa, recrudescer nos partidos racistas e isso é importante explicar aos jovens", apontou Isabel do Carmo.

O investigador José Pedro Monteiro abordou os diferentes conceitos de colonialismo.

"É importante que haja um substrato histórico que permita aos jovens perceberem o que foi o colonialismo. O desafio que me foi colocado aqui foi explicar aos jovens como é que os projectos de expansão imperial europeia se articularam com a questão da discriminação racial", realçou José Pedro Monteiro.

Miguel Viana



Exposição convida visitantes a pensar sobre as novas formas de racismo e colonialismo

BIBLIOTECA pública assinalou os 150 anos da abolição da escravatura em Portugal com uma exposição. O grande objectivo é igualmente desafiar os jovens a olharem para as novas formas de racismo e colonialismo na actualidade.

BIBLIOTECA CRAVEIRO DA SILVA

| Miguel Viana |

Levar as pessoas, essencialmente os jovens, a pensar sobre as novas formas de racismo e de colonialismo é o objectivo principal da exposição 'Império do Medo - Escravatura e Tráfico Negro', que está patente ao público na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva.

A exposição assinala os 150 anos da abolição da escravatura em Portugal e nas colónias portuguesas. A mostra é composta por vários painéis com referências cronológicas e à única coleira de escravo existente em Portugal, que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia.

“É um momento de choque e de perturbação para levarmos todos a pensar em questões como qual é a tua raça? O que é o trabalho forçado? Quais são as novas servidões? Qual é a diferença entre os refugiados de hoje e os escravos? Não será uma outra forma de escravatura? O grande objectivo é ser um ponto de partida para a reflexão”, disse Ana Maria Calçada, curadora e uma das comissárias da exposição.

A exposição, organizada pela Biblioteca Lúcio Craveiro da



Isabel do Carmo criou vários momentos de interação com os alunos

Silva, em colaboração com a Biblioteca Municipal de Barcelos e a Biblioteca Municipal Professor Machado Vilela, de Vila Verde, incluiu no programa uma mesa redonda sobre 'Racismo e Colonialismo' que teve como convidados a activista Isabel do Carmo e o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, José Pedro

Monteiro.

Numa conversa interactiva com alunos de várias escolas e formandas da Casa do Professor, Isabel do Carmo questionou sobre a existência de raças humanas.

“Não há raças. Nós somos todos provenientes do mesmo sítio (África) e depois espalhou-se. É um ser vivo que gosta de andar

espalhou-se pelo mundo todo. O racismo existe, o que não existe são as raças”, defendeu Isabel do Carmo.

A activista destacou que a escravatura “industrializou-se” a partir do século XVI, e que o conceito de racismo ainda permanece. “Quando parecia estar em vias de desaparecimento, pelo menos na Europa, recrudescer

●●●
“É um momento de choque e de perturbação para levarmos todos a pensar em questões como qual é a tua raça? O que é o trabalho forçado? Quais são as novas servidões? Qual é a diferença entre os refugiados de hoje e os escravos? O grande objectivo é ser um ponto de partida para a reflexão.”

Ana Maria Calçada
Curadora da exposição

nos partidos racistas e isso é importante explicar aos jovens”, apontou Isabel do Carmo.

O investigador José Pedro Monteiro abordou os diferentes conceitos de colonialismo.

“É importante que haja um substrato histórico que permita aos jovens perceberem o que foi o colonialismo. O desafio que me foi colocado aqui foi explicar aos jovens como é que os projectos de expansão imperial europeia se articularam com a questão da discriminação racial”, realçou José Pedro Monteiro.